

Marcos 13:12

“No primeiro dia da Festa dos Pães sem Fermento, quando o cordeiro pascal era sacrificado, os discípulos de Jesus perguntaram: Onde quer que lhe preparemos a refeição da Páscoa?”

O ministério público de Jesus vai terminar como começou. No início foi apresentado por João Batista como “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29), agora ele próprio escolhe a época da Páscoa para o tempo da sua morte. A conexão é óbvia, o que ele quer gerar está muito claro. Sai o cordeiro Pascal de cena, entra o Filho de Deus como Cordeiro de um sacrifício melhor e superior.

A Páscoa é a festa que marca o início do calendário bíblico de Israel e delimita as datas de todas as outras festas judaicas. Páscoa significa literalmente “passagem” (pois o Senhor “passou” sobre as casas dos filhos de Israel, poupando-os conforme Ex 12:27). É uma festa instituída por Deus como um memorial para que os filhos de Israel jamais se esquecessem que foram escravos um dia no Egito, e que o próprio Deus os libertou com mão poderosa, trazendo juízo sobre os deuses do Egito e sobre Faraó (Ex 12). Páscoa fala de memória, de identidade, de livramento, de alegria. O povo de Israel foi liberto do Egito para poder servir a Deus e ser luz para as nações. Páscoa é uma Festa instituída para que jamais Israel se esquecesse quem foi, quem é e o que deve ser. Depois da Páscoa o que Deus espera de cada israelita? Um profundo espírito de gratidão, um clima de adoração e um sentimento de proteção divina sobre o seu povo. Era este o sentimento que deveria tomar conta da nação.

Na Páscoa ele institui a Ceia. Eles estão subindo na direção de Jerusalém. A pergunta que Isaque fez para Abraão se renova: “Pai onde está o cordeiro?” (Gn 22.7) No lugar de cordeiro, agora eles têm Pão e Vinho. No lugar de lenha e fogo, um anúncio profético de queimar a alma: (Mc 10:33-34) - “*Eis que nós subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios. E o escarnecerão, e açoitarão, e cuspirão nele, e o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará*”. O clima estava tenso entre eles. Na Ceia ficou muito claro de que todos falharam, e que para isto mesmo o sacrifício do Filho iria se manifestar.

A Ceia é nossa Páscoa, a conexão está formada. Aqui nós temos motivos de sobra para celebrar. A sentença do pecado que deveria produzir nossa morte já foi paga pelo nosso irmão mais velho, Jesus. A cena agora se repete. As nossas casas já estão marcadas pelo sangue do Cordeiro de Deus. Com seus juízos o Senhor já está passando para anunciar a esta geração acerca da volta do seu filho, nós temos proteção. A proteção do Sangue do Cordeiro de Deus.

Por isto ele instituiu a Ceia entre nós. Desejava que este espírito de “Ufa! Salvos por um triz” tomasse conta de todos nós. A sensação de consternação sentida pelos discípulos já não está entre nós, no lugar dela um clima de profunda gratidão e de êxtase de alegria tomam conta do nosso coração. Não fomos libertos da escravidão egípcia, fomos libertos de uma escravidão pior, a do pecado. Libertos para servir à Deus, para ser luz para em mundo pedido. Fomos salvos para apontar o Caminho: O caminho para ser livre é Jesus. Esta é a nossa missão, devemos produzir nos outros a mesma sensação maravilhosa sentida por nós. Agora é a sua vez, diremos a eles. Aqueles que alcançarmos com o nosso testemunho também dirão: “Ufa! Também fui salvo por um triz!”